

A MULHER NA IGREJA — SUGESTÕES PRÁTICAS

(3ª parte de um painel sobre a CF-90 no Colégio Pio Brasileiro, em Roma, dia 8.2.1990)

Ir. Clea Fuck DP
Secretária da UISG — Roma

A CF é campanha da Igreja. Então, em primeiro lugar, impõe exame de consciência, revisão crítica, propósitos concretos na Igreja. Não seria honesto apontar para os defeitos da sociedade civil e fechar os olhos diante do estado de coisas “em casa”.

O texto-base é documento da Igreja. Como tal, espelha já na página 3 um aspecto da situação “em casa”, que não pode ser tapeada com palavras bonitas: é assinado por dois **homens** — e trata da **mulher**. Se somos honestos — e tudo indica que estamos querendo sê-lo: o texto-base não dissimula a necessária autocrítica! — não podemos não ver que justamente na Igreja (considerada sempre como um todo, o “povo de Deus”, mas entendida muitas vezes como “um grupo de **homens** na Igreja”), falta muito para que transpareça a prova concreta das muitas “palavras bonitas” sobre a igual dignidade, sobre a parceria Homem-Mulher, sobre a ausência de discriminação, sobre a Igreja-comunhão, de irmãos e irmãs em plano de igualdade.

a mulher lado a lado com o homem, até em profissões tradicionalmente “masculinas”

Dói fazer sempre a constatação de que, na vida civil — social, profissional, política — é possível ver a mulher lado a lado com o homem, até em profissões tradicionalmente “masculinas” por excelência: guardas de trânsito, policiais, motoristas de táxi, para não falar de ministros e “chefes de Estado” etc. . . Eu, diante disso, me faço a pergunta: Se aqui é possível, porque não na Igreja? E me parece que, se nós queremos/devemos ser “luz do mundo”, é a pergunta contrária que há séculos a sociedade civil deveria ter podido/devido fazer, olhando para nós: Se na Igreja, no cristianismo, isso funciona (homens e mulheres lado a lado, servindo juntos, administrando juntos, decidindo juntos, legislando juntos, celebrando juntos . . .), porque não funcionaria na vida civil: direito de voto, direito ao estudo superior, ao trabalho, a igual salário, a cargos eletivos? Tudo isso, que hoje consideramos direitos incontestes da mulher, teria vindo — e muito mais cedo — por inspiração da Igreja! Ora, todos sabemos que o contrário é que é a verdade. . .

Isto como preâmbulo. Hoje temos boa vontade. Hoje, acordados e conscientizados por um “sinal dos tempos” não mais disfarçável, não mais silenciável, queremos sinceramente — ao menos na Igreja do Brasil (a CF é nossa!) — fazer aquilo que no momento é possível em nossa própria casa. Queremos dar os pequenos passos possíveis, que de um lado são já fruto de uma mentalidade nova, e de

outro lado — Deus o queira! — produzirão novas mudanças de mentalidade, o que é o escopo principal da CF.

Eu gostaria de “precisar” alguns desses pequenos passos, muitos concretos — sempre no âmbito interno da nossa Igreja, que é onde temos (deveríamos ter) possibilidade de mudar o que deve ser mudado, sem a desculpa de que são os outros, os políticos, as máfias, as estruturas injustas, que nos impedem de agir. Todos esses passos estão já, explícita ou implicitamente, presentes no texto-base, e isso é importante.

1. Usar a “**linguagem inclusiva**” ⁽¹⁾ na liturgia, nos documentos, em toda e qualquer manifestação da vida eclesial, falada e escrita, como já é, conscientemente, usada no texto-base: **Aí, homem é homem, mulher é mulher**. Quando é um e/ou outro, fala-se em “ser humano”. Oxalá este esforço seja “oficializado” nesta CF!

Isto exige mudanças: de mentalidade primeiro, e depois, de **textos**. Os termos mais comuns, discriminatórios: **homens, irmãos, filhos**. “Todos os homens. . .” — e as mulheres não? “Meus irmãos. . .” “e a vós, irmãos. . .” — e as irmãs? Todos somos filhos de Deus. . . — só filhos, e as filhas não?

Contra-argumento: O termo “homem” inclui a mulher. Duas contestações: a) porque inclui e não explicita? A mulher é um ser autônomo, não está dentro do homem, o homem não é, de fato, “a cabeça da mulher” (embora Paulo o afirme em Ef 5,23. . . cf Texto-base n.210). . . b) inclui realmente? Se eu digo que o Texto-base vem assinado por dois **homens**, pensamos espontaneamente em Dom Celso Queiroz e Irmã Margarida de Tal? b) se eu, mulher, quero afirmar a minha identidade humana, diferente do rato ou da rosa, digo: “Eu sou homem como você?” Não, eu direi logicamente: “Eu sou uma pessoa humana, um ser humano como você”.

Contra-argumento: Aversão, resistência a mudanças. a) Eu — e muitos dos não tão jovens — aprendemos a rezar: “Em nome do **Padre**. . . **Padre** nosso . . . Creio em Deus **Padre**. . .” Em dado momento, mudou a mentalidade, a compreensão, a língua — e mudaram-se os textos: “Em nome do **Pai**. . . **Pai** nosso. . .” Quem ainda sofre com a mudança? b) O tratamento “vós” é obsoleto em nossa língua. No momento publicam-se versões bíblicas atualizadas também para a leitura litúrgica: tratamento “você”, “tu”, “o senhor/senhora”, para ficar na realidade.

Que mudanças impõem-se na liturgia em relação à linguagem inclusiva?

Que mudanças impõem-se na liturgia em relação à linguagem inclusiva? Elenquei um pouco os momentos mais evidentes na Missa:

— **Rito inicial:** Irmãos e irmãs, reconhecamos... Confesso a vós, irmãos e irmãs...

— **Leituras:** Irmãos e irmãs...

— **Homilia:** Irmãos e irmãs...

— **Apresentação das oferendas:** ... fruto da terra e do trabalho humano (não "do homem") ou: do trabalho de nossas mãos, ou: do trabalho de tanta gente... Orai, irmãos e irmãs...

— **Consagração:** Tomai e bebei... derramado por vós e por todos (não: "por todos os homens), como aliás as versões litúrgicas em outras línguas já o fizeram, enquanto o latim já o tinha: qui pro vobis et pro multis... francês: por vous et pour la multitude... italiano: per voi e per tutti... alemão: für euch und für alle... inglês: for you and for all...

— **Memento:** Lembrai-vos... dos nossos irmãos e irmãs que morreram... todos os vossos filhos e filhas...

Naturalmente, as mesmas adaptações serão feitas em outros momentos litúrgicos, na administração dos sacramentos, nas várias celebrações, na Liturgia das Horas etc.. Enquanto não se fizer a mudança redacional oficial dos textos, aquele que reza, lê ou escreve (Cartas Pastorais, folhetos litúrgicos etc.) deveria usar esta linguagem, que assim em breve se tornará patrimônio de todos.

2. **Eliminar de uma vez para sempre**, do lecionário litúrgico — ou, pelo menos, depurar — o texto de Ef 5,21-33, **sobretudo** na celebração do matrimônio e na festa da Sagrada Família. O Texto-base da CF-90 reconhece os motivos, o embaraço causado por tais perigosos, especialmente, nessa passagem de Ef 5, os vv.22-24, que insistem na **subordinação** da mulher ao marido⁽²⁾. Há outros textos do NT, mais ou menos belos, que nunca são lidos na liturgia. Porque insistir em retomar afirmações que Paulo, sendo santo (e não duvido), **não faria hoje?** É uma questão de justiça e de sensibilidade — em relação à mulher!

tudo aquilo que o leigo pode na Igreja, a leiga deve poder

3. **Promover e incentivar**, em todas as paróquias e igrejas, a atuação de **coroinhas de ambos os sexos**, sem nenhuma discriminação. Ao menos tudo aquilo que o leigo pode na Igreja, a leiga deve poder em plano de igualdade. Menos do que isso — é discriminação por causa do sexo! (Cf Texto-base nn. 220-222, onde se trata dos direitos da mulher na Igreja, por força do seu batismo, direitos reconhecidos no Código de Direito Canônico⁽³⁾).

4. **Propiciar a contribuição da mulher** — religiosa, teóloga (socióloga, psicóloga, orientadora de retiros, especialista em catequese, em relações humanas etc.) — **na formação dos presbíteros e religiosos**. Uma formação mais aberta a toda a realidade de Igreja, de valores humanos.

5. Para nós, mulheres na Igreja: **Capacitar-nos**, com estudos, pesquisas, leituras, exercícios e técnicas de maturação humana e afetiva, **para o diálogo de igual para igual** com nossos irmãos (presbíteros, teólogos, bispos...), com os irmãos e irmãs em qualquer nível, em nossa Igreja e no plano ecumênico; **capacitar-nos para a participação competente** a nível de decisões, na elaboração de documentos pastorais (p.ex. Textos-base de CFs!) etc.. Conferir;

a propósito, as sugestões do Texto-base nn. 218-219; 222; 228,231.

6. Abrir espaço para uma "presença significativa de **mulheres na próxima Conferência episcopal da América Latina em São Domingos em 1992**" (ver as considerações de Ivone GEBARA no seu opúsculo "As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina", Ed. Paulinas, SP, 1989, especialmente as propostas das pp. 41-42).

7. Por último, um aceno: O texto toca também, como o Papa, no "delicado tema da participação da mulher no ministério hierárquico da Igreja" (cf nn. 221 e 227). Eu quis falar só de "pequenos (e nem tão pequenos!) passos possíveis" no momento atual. O que sinto em relação ao último ponto, vai muito bem expresso por Ranjini REBERA (cf Texto-base, p. 93) no poema que aqui reproduzimos:

AS MÃOS DE UMA MULHER

Estou sentada num banco de igreja
e espero.
O humano se torna Divino.
O pão...
talvez tenha sido amassado
pelas mãos de uma mulher.
O vinho...
talvez mulheres tenham trabalhado
nas vinhas.

Mas, quando o Humano
se torna Divino,
as mãos de uma mulher são tabu.
"Não tocarás no Divino!"

O Divino se tornou Humano,
penetrou no seio de uma mulher.
(O patriarcado não tinha vez!)
Assim como as delicadas pétalas da flor
envolvem uma gota cristalina de orvalho,
a semente aninhou-se
num corpo de mulher.
"Não tocarás o Divino!"

As mãos da mãe seguram o menino.
Acalmaram-no, consolaram-no,
criaram segurança.
As mãos sempre estavam ali,
tão seguras como o pôr-do-sol
que se revela em cada aurora.
"Não tocarás o Divino!"

O corpo ferido tirado da Cruz...
Mãos de mulheres cumpriram
os ritos funerários.
O sangue vermelho
certamente manchou-lhes as mãos.
Mãos de Mulher — mãos que acariciam...

"Tocarás o Divino!"
da mesma forma que amassas o pão,
e compartilhas o vinho.

Estou sentada num banco de igreja
esperando —
confiando —
compartilhando —

Ranjini Rebera

Notas

⁽¹⁾ Sobre a "linguagem inclusiva" esta Revista publicou, em seu n.º 3 (ano 2, 1987, n.º 1, pp. 29-30), o documento "Tradução antipatriarcal da Bíblia", de Paul Gerhard MÜLLER, da Ass. Bíblica Católica da Alemanha Ocidental, alertando contra os extremismos desse tipo de tradução, o que não invalida a legítima "linguagem inclusiva" (Nota do Redator)

⁽²⁾ Veja, neste número, o estudo sobre "A mulher em Paulo" (NR)

⁽³⁾ Veja, no já citado n.º 3 da nossa Revista, p. 8, o estudo de Pe. Henrique E. CERVI: "A mulher no Código de Direito Canônico" (NR)

Endereço da Autora:

Comunità Eduardo Michelis
Rampa delle Mura Aurelie 9-7/26
00165 ROMA — Itália

A MULHER EM PAULO

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

Já tive oportunidade, nesta revista, de abordar o tema "A Mulher no Sirácida"⁽¹⁾. Nesse estudo procurei distinguir três tipos de textos sobre a mulher, no livro e autor em questão: textos positivos, textos de advertência e precaução, e textos francamente negativos, com as respectivas análises e a conclusão.

Afrontando o mesmo tema em Paulo, o desafio naturalmente é maior: a influência de Paulo é maior que a do Sirácida, e seus textos sobre a mulher e atitudes para com as mulheres são mais diversificados e mais numerosos. Vejamos, pois, o que podemos fazer, dentro dos limites impostos pelas dimensões e objetivos da nossa revista, que pretende ser um veículo de reflexão e formação para nossos agentes pastorais em Santa Catarina.

Entre os estudos da vasta bibliografia existente, destaque, pelo seu aspecto prático e sua ampla visão de conjunto, o artigo de Maria BERTETICH, na Revista Bíblica Argentina (1976, n.º 1, pp. 15-48), estudo feito, portanto, por uma mulher, teóloga, do ponto de vista da mulher, e intitulado: "Las mujeres — en la vida y los escritos de San Pablo"⁽²⁾. É uma síntese a meu ver excelente, cujo esquema e conteúdo vou aproveitar, sintetizando e/ou complementando com estudos posteriores, conforme for o caso.

Na exposição do tema, tão vasto, pretendo abordar, mesmo se resumidamente, o seguinte:

1. A mulher na Igreja primitiva e na vida de Paulo
2. A mulher nas primeiras cartas paulinas: Gl e 1 Cor
 - 2.1. "Não há mais homem e mulher. . ." (Gl 3,28)
 - 2.2. A mulher no matrimônio, seg. 1Cor 7, 1-16
 - 2.3. A participação da mulher na liturgia: 1Cor 11,2-16
 - 2.4. Devem as mulheres ficar caladas, seg. 1Cor 14,34-35?
3. A submissão da mulher nas cartas paulinas posteriores
 - 3.1. O uso de "submeter-se" no Novo Testamento
 - 3.2. A novidade cristã das "tábuas domésticas"
 - 3.3. A submissão das mulheres em casa: Ef 5,22; Cl 3,18; Tt 2,5
- 3.4. A submissão das mulheres na Igreja: 1Tm 2,11-12
4. As virgens e as viúvas
 - 4.1. A virgindade, seg. 1Cor 7,25-38
 - 4.2. As viúvas, seg. 1Tm 5,3-16

1. A mulher na Igreja primitiva e na vida de Paulo

Nos Atos dos Apóstolos, depois da referência inicial a "algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus", nomeadas explicitamente como integrantes da comunidade primitiva junto com os Onze, no cenáculo (At 1,14), e depois também da menção de Tabita, uma dentre os discípulos em Jope, querida por suas boas obras (At 9,36ss), temos a descrição da figura simpática de **Lídia, a purpurária**, no c. 16, 11-15. Caracterizada como "adoradora de

Deus" e como líder do grupo de mulheres que se reuniam para a oração do sábado em Filipos, é por elas que Paulo inicia o seu trabalho de evangelização na Europa, em meio à sua segunda viagem missionária. "Aderindo ao que Paulo dizia", batizou-se, Lídia "com os de sua casa", e hospedou o Apóstolo e seus companheiros.

a figura simpática de Lídia, líder do grupo de mulheres que se reuniam para a oração

Outra figura notável é a de **Priscila**, esposa de Áquila, nomeados sempre juntos; casal cristão que Paulo encontra em Corinto (At 18, 2-3) e com os quais se hospeda e trabalha. Nas seguintes referências ao casal nos Atos (18, 18 e 26), Priscila é sempre nomeada antes do marido, como o será também em Rm 16,3-5a e 2Tm 4,19 (embora em 1Cor 16,19 apareça a seqüência "normal": Áquila, o marido, nomeado em primeiro lugar. . .) Trata-se, portanto, de um casal engajado, que funda e dirige "igrejas domésticas" em Corinto, Éfeso, Roma; que é capaz de "expor com mais exatidão o Caminho" a um discípulo erudito como Apolo (At 18,26) e cuja atuação, certamente apoiada por Paulo e incluindo explicitamente Priscila, não combina bem com as normas restritivas de 1Cor 14,34-35 e 1Tm 2,11-12.

Mais, entre as trinta e sete pessoas nomeadas por Paulo em Rm 16, das quais dez são mulheres, a primeira a ser "recomendada" é **Febe**, apresentada como "ministra" (**diákonos** = diaconisa?) da igreja em Cêncreas, o porto de Corinto, e caracterizada como "protetora" (**prostátis**)⁽³⁾ de "muitos" cristãos, inclusive o próprio Paulo (Rm 16,1-2). Na mesma passagem, com Andrônico é também nomeada **Júnia** (v.7), portanto um casal, como Áquila e Priscila, e de ambos se diz que eram "apóstolos exímios". E ainda: de **Trifena** e **Trifosa**, e **Pérside** (v.12), bem como de **Maria** (v.6), se diz que "muito se afadigaram no Senhor", isto é, são mulheres que exerceram reais responsabilidades na difusão do Evangelho, realizando um trabalho que Paulo explicitamente valoriza. Nesse sentido, notar também o elogio de Paulo à "fé sem hipocrisia" de **Loide** e **Eunice**, respectivamente, avó e mãe de seu discípulo Timóteo (2Tm 1,5). . .

Portanto, na prática, pelo que sabemos destas notícias sobre Paulo ou de suas próprias palavras em suas cartas, ele pessoalmente nada tem de misógino, nenhuma atitude